

Uma profissão de risco no século XXI

Na década de 90, despedia-me por vezes de colegas na Feira do Livro de Lisboa com um «até para o ano, se ainda houver livros».

A frase era irónica, numa época em que os artigos sobre a crise do livro tipográfico formavam uma espécie de género ensaístico menor. Alguns anos depois tingiu-se de humor negro com o surgimento dos leitores de *e-books* e de uma geração habituada aos ecrãs e desabituada de livros.

Mas o livro impresso entrou no século XXI com inesperado vigor e as previsões sobre o avanço da edição electrónica revelavam-se apressadas.

Nos últimos anos acentuaram-se, contudo, as mudanças nos processos de circulação de textos e de outros materiais semânticos com a generalização dos computadores, a Internet e o ciberespaço. O surgimento de leitores de *e-books* com ecrãs de tecnologia *e-ink*, a redução dos seus preços e a disponibilização crescente de obras como resultado da corrida entre o Google e a Amazon fizeram o livro digital entrar em directa concorrência com a sua versão impressa.

Ao contrário do que ocorreu na década de 90, as previsões sobre o livro electrónico começam agora a ser antecipadas. É o que deverá suceder com o recente estudo internacional, citado por Juergen Boos, director da Feira de Frankfurt, que prevê que

em 2018 as vendas de conteúdos digitais ultrapassem as do livro tradicional.

Há actualmente cerca de um milhão de leitores de *e-books*, sobretudo nos países anglo-saxónicos. Dentro de alguns anos serão dezenas de milhões, envolvendo uma parte considerável dos «grandes leitores» em todo o mundo.

O projecto do Google Books, de digitalizar o maior número possível de livros prossegue, apesar do desaire que conheceu nos E.U.A. Em breve, uma parte importante das obras no domínio público e outras negociadas com editores e autores estarão na Internet ao alcance dos dispositivos com ela conectáveis, computadores, televisores, *iPhones*, telemóveis e leitores de *e-books*.

Em vários países as bibliotecas públicas emprestam obras electrónicas aos associados. Os próprios ensaios e revistas tradicionais começam, também eles, a integrar imagens digitais móveis. E as marcas de leitores de *e-books* multiplicam-se, o mesmo sucedendo com as plataformas de difusão ainda em busca de uma linguagem comum.

O digital ocupa hoje uma pequena faixa costeira no continente do livro. Mas é uma maré que alastra, reflui e de novo avança removendo obstáculos e decidida a, dentro de algumas décadas, deixar apenas ilhas e arquipélagos de romances impressos ao alcance dos leitores de ficção.

Enquanto mercadoria com valor cultural, o livro tende a tornar-se um ramo da sociedade multimédia, muitas vezes remetido ao estatuto de fornecedor de conteúdos. O suporte em papel surge como uma das suas modalidades possíveis. E a mudança para o digital vai a par com a alteração das capacidades imagéticas e uma maior dispersão dos jovens leitores.

Séculos de livro impresso

Na sociedade actual, a cultura deixou de ser sinónimo de livro manuscrito ou impresso como o foi ao longo de 2500 anos, desde

os papiros pré-socráticos até à invenção da tipografia, passando pelos pergaminhos medievais que acolheram a forma de códice. No Egito dos faraós, a leitura e a escrita foram privilégio de escribas e sacerdotes. Na Grécia Antiga, e na sua forma utilitária, essas tarefas eram atribuições de escravos. Os *volumina* romanos estiveram ao serviço da expansão do latim e do Império. Mais tarde, o livro seria consagrado pelo cristianismo medieval e renascentista para fins religiosos. Porém, e de um modo geral, as três religiões do Livro tiveram problemas com os seus congéneres profanos. Basta pensar em Espinosa, Giordano Bruno ou nos antecessores de Salman Rushdie. Nalguns países protestantes, as populações eram ensinadas a ler para conhecerem a Bíblia, mas não a escrever. A Igreja Católica chegou mesmo a desaconselhar a leitura do Antigo Testamento e durante a Inquisição muitas obras só existiam nos esconsos de algumas bibliotecas e no Índex do Santo Ofício.

A democratização do livro inicia-se mais de três séculos depois de Gutenberg, sob o impulso dos ócios das famílias de comerciantes e das necessidades de literacia da revolução industrial. É nessa época que o livro chega aos domicílios burgueses, conhecendo, enquanto romance, um apogeu naquilo que os historiadores designam como o Grande Verão Europeu, e que foi da derrota de Napoleão à I Guerra Mundial. É desse período a identificação entre europeu culto e leitor.

Já em pleno século xx a importância do livro teve dois reconhecimentos indesejáveis. Sob o regime nazi as «obras degeneradas» eram purificadas à temperatura de 451 graus Fahrenheit. Estáline, por seu lado, preferia congelar em kolimás siberianos a imaginação de escritores refractários aos encantos do «realismo socialista».

A predominância das imagens

Entretanto, desde o início do século xx que uma nova mudança se fazia sentir. A fotografia generalizou-se e invadiu jornais e

revistas. Nos anos 30, o cinema tornou-se popular na Europa, como arte influenciada pelos irmãos Lumière, e nos E.U.A., sobretudo como espectáculo inspirado nos «efeitos especiais» de Méliès. Na década de 50, surgiu a televisão que depressa se transformou no principal meio de comunicação de massas, recriando hábitos sociais e modos de fazer política e alterando as percepções do espaço público.

O livro, entretanto democratizado pela edição de bolso e pelos novos canais de distribuição, foi sendo secundarizado, e com ele a sociedade alfabética, pelas novas artes e meios de comunicação associados à imagem. A partir dos anos 80, com os computadores, a Internet, e depois os *chats* e as mensagens SMS, reforçou-se de novo a componente alfabética da sociedade após um longo período de afirmação da imagem. A escrita partilha mesmo hoje o fascínio dos ecrãs junto das novas gerações, embora ao preço de uma fragmentação simplificadora. É, no entanto, possível que o YouTube e a facilidade de envio de imagens em «banda larga» restabeleçam a situação anterior.

Para se entender a evolução próxima do livro impresso, é, pois, necessário considerá-lo na sua evolução específica e na relação com outros meios de comunicação. E para compreender o seu futuro é preciso relacioná-lo com os suportes digitais, os processos cognitivos e os novos hábitos de leitura, e mesmo com o destino da literatura a que tendencialmente poderá estar confinado.

Um novo fôlego?

Na época do digital, o livro impresso tem os inconvenientes da sua natureza material. Exige o abate de certas espécies de árvores, causa poluição fabril, é difícil de transportar, requer espaço e é perecível.

A impressão em *offset* só consegue custos unitários razoáveis para tiragens elevadas. E como se publica para um mercado in-

certo, há sobras e pesados custos de armazenamento antecipados nos preços.

A distribuição, venda nas livrarias, devoluções e armazenagem são responsáveis por mais de 60 por cento do preço do livro. O papel e a impressão por cerca de 15 por cento. Por isso, à primeira vista tudo o condena no confronto com a «imaterialidade» dos *bits*.

Será o livro impresso capaz de uma flexibilidade que o torne mais concorrencial, ao mesmo tempo que preserva a sua particular relação com o leitor? Terá futuro, pelo menos nos géneros que requerem uma leitura sequencial e reflectida, como a literatura e parte dos ensaios?

A própria evolução tecnológica no fabrico de papéis e o digital oferecem novas possibilidades ao livro impresso.

Verifica-se um crescente recurso a papéis reciclados, agora com preços mais acessíveis e gamas variadas. Por outro lado, e tal como se verifica nos escritórios actuais, nada garante que a leitura digital diminua o consumo de papel. Consta-se, aliás, que muitos dos que lêem *e-books* adquirem depois versões impressas.

O digital pode também dar uma ajuda na redução da incerteza das tiragens e nos custos de transporte e armazenamento. A impressão digital com máquinas industriais permite já, para tiragens inferiores a 700 exemplares, custos por unidade bem inferiores aos de *offset*. Há vários anos que é usada para imprimir em papel géneros menos vendáveis como a poesia e o teatro ou nas reedições. A impressão a pedido é hoje corrente e em breve estará disponível em livrarias portuguesas. Para os editores, esta tecnologia tem vantagens, permitindo disponibilizar fundos esgotados e reduzir custos de transporte, já que estará acessível nos principais centros urbanos.

Finalmente, esses processos, conjugados com os *e-books* e vendas na Internet, vão diminuir a dependência em que editores e distribuidores se encontram das livrarias, cujas margens se tornaram excessivas. Estas vão ser forçadas a uma acelerada reconversão e, à imagem do que já fazem as Borders Books, a articular